

O inquérito como estratégia de ensino em estudos sociais

Técnicas de instrução

Luís Souta

Este artigo procura reflectir uma experiência educativa realizada no ano lectivo de 1982/83, num escola preparatória do concelho de Sintra, no âmbito da disciplina de Estudos Sociais.

Irei focar as condições que me levaram a adoptar o inquérito como estratégia privilegiada no ensino desta disciplina do 1.º ano do ensino preparatório, os objectivos que se pretendiam atingir no domínio cognitivo, nas relações interpessoais e no contacto com a comunidade e, por último, serão indicados os critérios usados na avaliação da eficácia desta metodologia de ensino/aprendizagem.

1. Condições que justificaram o uso dos inquéritos

O recurso ao emprego dos inquéritos nas aulas de Estudos Sociais foi condicionado pela conjugação de cinco factores: a comunidade, a escola, as turmas, os alunos e o próprio professor. Passemos a descrever cada um deles.

1.1. A comunidade

A escola estava localizada numa região industrial recente, onde as actividades agrí-

colas e de pastoreio ainda persistiam, mas a grande maioria dos pais dos alunos (cerca de 70%) trabalhava em fábricas. As localidades servidas pela escola constituíam assim uma mistura de rural e suburbano.

Os pais dos alunos formavam uma população relativamente homogênea no que diz respeito a três importantes aspectos: o tipo de trabalho que tinham (operários fabris), os lugares de origem (regiões do interior e sul do país) e o grau de instrução que possuíam (grande número de analfabetos).

O ambiente cultural era, portanto, muito pobre, com poucos ou mesmo nenhuns recursos de estudo em casa, tais como livros, jornais ou revistas.

1.2. A escola

Este trabalho foi realizado numa pequena escola de 390 alunos (Escola Preparatória de Albarraque) que funcionava numa parte das instalações dum centro cultural e recreativo, propriedade de uma importante fábrica de tabaco.

A arquitectura do edifício não apresentava as características comuns a um estabelecimento escolar. Sendo um edifício construído para adultos e suas actividades de lazer, não era, portanto, um local de trabalho para jovens e crianças, com uma organização dos espaços adequada à prática educativa.

O equipamento audiovisual era escasso e os locais para trabalho dos alunos extra-sala de aula, nomeadamente para pesquisa bibliográfica, não tinham condições nem eram minimamente atractivos, e não dispunham sequer de material didáctico considerado suficiente.

1.3. As turmas

Todos os alunos do 1.º ano do ensino preparatório do turno da tarde (5 turmas com um total de 107 alunos, constituindo 27,4% da população escolar) participaram neste projecto. Cada turma tinha uma média de 21 alunos, não havendo diferenças qualitativas significativas entre elas. Este

número relativamente pequeno de alunos por turma permitia uma pedagogia centrada no aluno, com a possibilidade de se recorrer frequentemente a actividades de grupo.

1.4. Os alunos

Os estudantes (10-12 anos de idade) estavam, em termos de desenvolvimento cognitivo, no terceiro estágio definido por Jean Piaget como operacional concreto, em que o pensamento sendo já operacional ainda não opera em termos de hipóteses, mas na base de operações que envolvem fenómenos concretos, presentes e observáveis. Mas havia que promover o desenvolvimento psicológico no sentido de se caminhar para o estágio das operações formais e daí o ênfase na experiência e na transmissão social, pois dos quatro factores apontados por Piaget como favorecendo esse crescimento, estes dois eram aqueles em que eu podia directamente interferir.

Num método de ensino, como o uso dos inquéritos, em que o aluno vai viver experiências diversificadas e receber uma informação valiosa de outras pessoas, eles precisam de estar em condições de assimilar essa informação, mas ao mesmo tempo essas experiências transformam-se num factor de desenvolvimento das estruturas cognitivas. Na sala de aula, o estabelecer de situações de aprendizagem em que os alunos cooperando em tarefas concretas, trocavam pontos de vista e partilhavam experiências pessoais, produzia o «conflito cognitivo» que era imprescindível para esse desenvolvimento intelectual.

1.5. O professor

Sendo professor da disciplina de Estudos Sociais (com 3 horas semanais em cada uma das 5 turmas) não conhecia, no entanto, a região muito bem, pois estava a trabalhar nesta escola pela primeira vez e por isso estava interessado em descobri-la, até como condição de «sobrevivência» profissional.

Nos primeiros contactos com os meus alunos, durante as primeiras duas semanas no preenchimento das fichas de caderneta, reparei na falta de informações que eles tinham acerca dos membros do agregado familiar e como era vago o que eles me conseguiam dizer (por exemplo, o pai era torneiro mecânico de profissão e o aluno apenas dizia que ele era um operário).

2. Resultados esperados com esta estratégia de ensino

As condições anteriormente referidas, juntamente com as informações recebidas dos meus colegas, forçaram-me a uma decisão: se eu não quisesse falhar, uma estratégia especial de ensino era necessária. E foi assim que o método de pesquisa e investigação pelo inquérito se tornou a mais importante estratégia de ensino/aprendizagem em todas as 5 turmas.

De acordo com o «modelo» A.T.I. (Atitude-Tratamento-Interacção) ⁽¹⁾ naquele momento eu conhecia a «atitude» dos alunos e tinha o «tratamento» a aplicar, mas não sabia ainda como se daria a «interacção». Em termos teóricos, era pelo menos uma estratégia justificável e necessária no ensino de uma área que tem por finalidade o estudo do homem e as suas relações com o mundo físico e social e que se estrutura com base nos conteúdos e métodos das várias ciências sociais ⁽²⁾, tais como a Antropologia, a Sociologia, a História, a Geografia, a Economia, a Ciência Política e a Psicologia. E uma vez que os alunos deste nível de ensino se devem familiarizar

⁽¹⁾ Tendo em conta a complexidade da natureza humana e consequentemente do acto educativo, o A.T.I. considera que não há «o melhor» método para a instrução, mas ao procurar corresponder o estilo de ensinar ao estilo de aprender de cada aluno deve-se tomar por base a relação das três componentes: a «Atitude» — as capacidades e limitações, físicas e mentais, de uma pessoa; o «Tratamento» — o método e/ou o currículo; e a «Interacção» — a relação entre a atitude individual e o tratamento em particular.

⁽²⁾ *Encyclopedia of Educational Research. A Project of the American Educational Research Association. The Mcmillan Company. Fourth Edition (1969), p. 1231.*

com os métodos das ciências sociais, então eles precisavam de ter oportunidade para os praticar e testar a sua validade.

Claro que esta estratégia já tinha sido usada em anos anteriores, mas desta vez havia duas diferenças substanciais:

— o contínuo e sistemático uso dos questionários;

— o recorrer às famílias dos alunos como a «população» privilegiada para a colheita de dados.

Empenhar os alunos nesta metodologia de investigação implicou o estabelecimento de objectivos a atingir em cada uma das três fases do processo: na prévia definição das finalidades do inquérito, na sua elaboração e condução e finalmente na apresentação e divulgação dos resultados.

2.1. Clarificação das finalidades

Os alunos deviam ser capazes de identificar os vários objectivos para que os questionários eram usados.

Ao reconhecerem que certo tipo de informação sobre as pessoas só se podia obter perguntando-lhes directamente, então o trabalho de campo e o uso do inquérito tornava-se um método fundamental para obter esses dados, porque lhes permitia conhecer não só o que uma pessoa sabe (conhecimentos ou informações), como o que ela gosta ou não gosta (valores e pre-



ferências), ou o que ela pensa (atitudes e opiniões).

Se o aluno fosse capaz de explicar com clareza o objectivo do questionário e a sua necessidade no âmbito da disciplina de Estudos Sociais, os pais mostrariam certamente uma maior disponibilidade para participarem ⁽³⁾.

2.2. Elaboração e condução do questionário

Os alunos deviam ser capazes de construir itens para obter respostas a questões específicas.

Numa primeira fase os alunos deviam centrar-se na elaboração de questões directas, específicas e factuais, por serem mais fáceis de fazer, de responder e até de codificar. Assim, os formulários eram curtos (de 4 a 10 questões), sendo os itens de tipo objectivo, construídos de modo a obter «respostas restritas» (uma palavra ou frase curta) ou «respostas estruturadas» (tipo escolha múltipla, sim-não, verdadeiro-falso).

Os alunos deviam ser precisos e rigorosos na obtenção dos dados quando da aplicação do questionário.

Tendo presente este objectivo as crianças tinham necessariamente que desenvolver os *skills* de audição e escrita; para isso o treino na sala de aula era imprescindível e a colaboração com o professor de Português revelara-se da maior utilidade.

2.3. Apresentação e divulgação de resultados

Os alunos deviam ser capazes de usar processos de codificação e contagem dos dados provenientes dos inquéritos, preparando e organizando os resultados para uma futura apresentação na turma.

É evidente que com os dados recolhidos em trabalhos de campo deste género, a escola fica em poder de um manancial

precioso que lhe possibilita um conhecimento do meio e que deve ser aproveitado nos anos seguintes, quer através do seu completamento, aprofundamento ou mesmo correcção quando for caso disso. Daí a necessidade de um registo cuidadoso dos resultados finais, que passam deste modo a constituir um recurso educacional disponível para futura consulta por professores e alunos.

Outros resultados não directamente relacionados com as técnicas do inquérito eram também esperados, quer da parte dos alunos quer dos pais. Assim, Os alunos deviam:

- reconhecer a sua família como importante recurso de aprendizagem;
- descobrir a sua família e conhecê-la em profundidade; reconhecendo que ela era possuidora de um passado e de uma história;
- adquirir e praticar os *skills* da vivência em família;
- trabalhar em tarefas bem concretas e acreditar na sua capacidade para as fazer com sucesso.

Os pais, por sua vez, deviam:

- ter um contacto estreito com as actividades escolares, tornando possível a compreensão dos propósitos da disciplina de Estudos Sociais (que não fazia parte do currículo quando eles frequentaram a escola);



⁽³⁾ Há toda a vantagem em que este esclarecimento seja reforçado pelo professor ou pelo director de turma nas reuniões previstas com os pais, procurando salientar a importância e a necessidade educativa das informações que eles possam fornecer.

⁽⁴⁾ A utilização deste método num dos temas do programa de Estudos Sociais (tema 2 — A distribuição da população portuguesa) pode ser confrontada num trabalho meu publicado pela revista *o professor* n.º 80 de Novembro de 1985. ■

— sentir que a sua colaboração era útil para a escola e para o sucesso na aprendizagem dos seus próprios filhos (*).

3. Critérios para medir a eficácia desta estratégia

A eficácia desta metodologia de ensino foi medida tomando por base três critérios, a saber: o *feedback* dos alunos ao longo do ano, um inquérito expressamente feito nesse sentido pelo professor e as avaliações finais.

3.1. Feedback

O *feedback* positivo dado pelos alunos, no decorrer do ano lectivo, nomeadamente nas auto-avaliações nos finais de período, mostrou que eles estavam a aderir a esta metodologia através de um trabalho que estava a ser realizado com entusiasmo e prazer.

3.2. Inquérito

Os resultados de um inquérito que fiz no final do ano lectivo para obter respostas à questão «que espécie de trabalho gostaste mais de fazer dentro e fora da sala de aula durante este ano?», mostrou que 70% dos alunos preferiu os questionários e entrevistas; esta adesão aparece associada com a preferência em primeiro lugar pelas actividades de grupo, como forma de trabalho na sala de aula (quando da preparação do inquérito, da codificação e contagem dos dados e ainda da organização e apresentação de resultados). Os dois temas do programa que os alunos gostaram menos foram curiosamente aqueles onde esta metodologia não foi aplicada (tema 1 — O meio físico português, e o tema 9 — O Estado português).

3.3. Avaliações finais

Quanto aos resultados escolares no fim do ano lectivo, 22,4% dos meus alunos reprovaram (10% dos quais abandonou no decorrer do ano escolar) quando a média de reprovações na escola foi de 34%. Em 10 disciplinas, Estudos Sociais foi a terceira com menos insucesso e os níveis mais ele-

vados (níveis 4 e 5) foram conseguidos por 27,1% dos alunos (só Educação Visual e Educação Física fizeram melhor).

Claro que esta situação é muito complexa, com muitas variáveis em interacção, e não se pode facilmente generalizar e concluir que este é o caminho certo. Talvez até este «tratamento» não seja a causa destes resultados... Só uma investigação mais cuidada, de tipo experimental, poderia estabelecer conclusões precisas.

Ainda uma questão final

Algumas pessoas podem argumentar com os problemas éticos que esta estratégia pode introduzir, através da divulgação de informações de carácter privado pelos colegas da turma. Isto pode ser minimizado se algumas questões mais delicadas não forem abordadas ao nível de toda a classe, mas em trabalho individual com o professor.

Mas pode-se contrapor que este método pode também trazer vantagens no relacionamento entre colegas e no desenvolvimento da personalidade do aluno: (a) que aprende a aceitar, a respeitar e a conviver com colegas que pensam, vivem e actuam de forma diferente, e (b) que não se envergonha da sua própria realidade familiar.

Cremos poder concluir que as vantagens deste método, que não é exclusivo dos Estudos Sociais, ultrapassam em muito as suas possíveis desvantagens e a sua implementação acarretará concerta uma nova forma da escola se relacionar com a comunidade.

